

Tráfico de mulheres atrai organizações criminosas

Deficiências na investigação tornam crime apetecível em termos de risco versus lucro

TIAGO RODRIGUES ALVES
sociedade@jr.pt

Estudo que hoje vai ser discutido alerta para o aumento do tráfico de mulheres por ser uma actividade de lucro elevado e de baixo risco. Agentes policiais e judiciários recomendam centralização das investigações e mais cooperação.

Um relatório do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra afirma que o crime de tráfico de mulheres tem vindo a sofrer um grande aumento por ser muito atractivo em termos de risco "versus" lucro, muito por culpa de falhas na investigação. Para além do aparecimento de novas associações criminosas a praticar este crime, grupos que estavam normalmente associados a outro tipo de actividades ilegais estão, agora, a alargar a sua área de actuação para o tráfico de mulheres, tendo em conta o grau atractividade deste "negócio".

As conclusões do estudo apontam várias carências ao modo como o tráfico de mulheres ainda é encarado e combatido em Portugal. Segundo o relatório, a distribuição das competências de investigação deste fenómeno e dos diversos crimes a ele associados por vários organismos policíacos, com a ausência de uma estrutura de coordenação e um sistema de informatização e de informação integrada eficaz, prejudica a eficácia investigativa e uma posterior condenação dos criminosos.

Outra das críticas apontada por muitos dos entrevistados foi a necessidade de o Ministério Público desempenhar "na investigação deste tipo de criminalidade um papel mais eficaz e proactivo, o que, para alguns operadores judiciários, pode passar pela criação de departamentos especializados".

Entre as diversas soluções apontadas pelas partes ouvidas no estudo, surge, em primeiro lugar, a atribuição da investigação do tráfico de pessoas a um único órgão de investigação criminal - à Polícia Judiciária ou ao Serviço de Estrangeiros e Fronteiras - com um maior grau de especialização e uma efi-



Vítimas têm medo de represálias se colaborarem com as autoridades

Perfil elaborado pelo SEF

Perfil da mulher vítima de tráfico para exploração: brasileira, de 22 a 30 anos, solteira, com nível de instrução médio, empregada do sector terciário no país de origem e viaja para Portugal pelos seus meios e vontade.

Retrato feito pelo estudo

Segundo o estudo, a maioria tem menos de 35 anos, é de nacionalidade brasileira, seguindo-se as da Europa de leste e africanas, de contextos sociais fragilizados, com forte debilidade económica e dependentes a seu cargo.

ciente articulação e comunicação entre os organismos policíacos e criminais.

O estudo revela, ainda, que vários agentes judiciários pediram uma maior e melhor colaboração com a Europol, a Interpol e os organismos e instituições dos países de origem das vítimas. Já que, como se trata de um crime transfronteiriço, a eficácia do combate ao tráfico apenas pode ser conseguida com uma boa cooperação entre as várias forças policíacas envolvidas, revelando-se esta colaboração também essencial para a protecção das vítimas.

Todavia, o estudo refere que as mudanças no aspecto legislativo não chegam. Para além do aspecto organizacional e de cooperação, vários agentes judiciários referiram a falta de meios humanos e materiais que origina uma hierar-

Investigação exige estreita cooperação entre polícias dos destinos de origem e dos destinos de chegada

quização da tipologia dos crimes e dentro do próprio crime do tráfico de pessoas.

Noutro aspecto, foi também reclamada mais formação para os agentes policíacos e operadores judiciários de modo a detectarem situações de tráfico de mulheres para exploração sexual e dirigirem as investigações nesse sentido, não as confundindo com o lenocínio.

Para os especialistas, a especificidade da vítima também merece outra atenção. São mulheres que normalmente saem dos países de origem por questões monetárias, entram ilegalmente nos países de destino e, por vezes, temem represálias sobre a sua família caso fujam ou denunciem os traficantes. Têm medo de recorrer ou colaborar com o Estado. Esta situação pode ser acautelada, por exemplo, evitando a deportação na hora que, para além de dificultar a condenação dos criminosos, é prejudicial para a sua reintegração. ■

Entrevista

MADALENA

DUARTE

INVESTIGADORA

'Fenómeno ainda é um pouco opaco'

Qual foi o cenário com que se deparou ao realizar este estudo?

Partimos com algum desconhecimento e este foi um estudo, acima de tudo, exploratório em relação ao fenómeno do tráfico em Portugal que ainda é um pouco opaco. Conseguimos ouvir todas as partes interessadas e os seus diferentes pontos de vista e fazer a interligação entre elas. Penso que estamos a ir no caminho certo mas que ainda se podem fazer mais coisas a nível da prevenção.

Na sua opinião, o que poderia então ser feito?

Em termos de prevenção, é um pouco complicado porque ela deve ser feita maioritariamente nos países de origem e nós somos um país de destino. Mas, aqui, ela deve incidir sobre a população em geral e, em especial, sobre as mulheres que já estão em risco como as trabalhadoras do sexo e as imigrantes.

A coordenação internacional entre os vários organismos de investigação funciona bem?

A coordenação entre os diferentes países de destino e de origem é muito difícil. A investigação destes casos obriga a que a obtenção de provas seja feita, fundamentalmente, na origem e, como tal, exige uma articulação muito grande entre as polícias. Mas têm vindo a ser feitos progressos na colaboração entre o nosso Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) e a Europol. ■

Tráfico de mulheres menosprezado pelas autoridades

